

Fonseca Domingos, um progressista poeta do povo

José Carlos Vilhena Mesquita

Com toda a lisura e generosa frontalidade, venho a esta pública homenagem¹ prestar, perante os que conheceram e acompanharam o trajecto de vida do poeta José Maria Fonseca Domingos, o meu leal e independente testemunho de apreço e respeito pelo seu talento poético, acrescido da admiração que me merece a sua relevante obra literária, sentindo neste solene momento – em que todos nos revemos na dolorosa mágoa do seu desaparecimento – uma profunda emoção e uma incontida saudade da sua presença física e da sua memória espiritual.

Convém esclarecer que só me tornei afável convivente e verdadeiramente amigo do poeta Fonseca Domingos a partir da fundação da AJEA, em Janeiro de 1998, quando o convidei a aderir ao núcleo inicial de associados. As nossas relações culturais, nunca foram de grande intensidade, mas existiam de há muitos anos. Porém, havíamos-nos distanciado devido aos meus afazeres académicos, cada vez mais exigentes e assoberbantes, embora nunca me tivesse alheado do seu trajecto literário, lendo atentamente as notícias sobre a edição dos seus livros.



José Maria Fonseca Domingos, foto tirada em 1997

Em boa verdade, conheci o Fonseca Domingos há mais de vinte anos, creio que por intermédio do Dr. Joaquim Magalhães, quando ainda não se falava dele como poeta, embora nessa altura começasse já a vincar forte presença nos meios poéticos da província, através da sua insistente participação nos Jogos Florais, e noutros concursos literários, que se realizam um pouco por todo o país. Desse primeiro encontro ficou-me na retina o seu porte físico, alto e magro, mas sem grandes atavios. Tinha uma voz quente, um olhar perscrutante e ligeiramente nervoso. Possuía mãos de ilusionista com gestos de maestro de orquestra, que o acompanhavam no aceso dialogar das palavras. Ainda que mal comparado, parecia-me um sobrevivente da

¹ Texto da conferência pronunciada na sessão de homenagem ao poeta José Maria Fonseca Domingos, realizada no auditório da Biblioteca Municipal de António Ramos Rosa, em Faro, no dia 18 de Fevereiro de 2006.

Fonseca Domingos, um progressista poeta do povo

velha nobreza luso-britânica, que se arruinara com a mudança de regime – ele que por antítese era um republicano convicto, um admirador do jacobinismo revolucionário, e



Antero Nobre, escritor e jornalista, uma das mais proeminentes figuras da cultura algarvia do séc. XX

um entusiasta dos movimentos libertadores do proletariado. Não sei porquê, mas essa imagem de velho aristocrata ficou-me na retina até ao derradeiro momento.

Lembro-me também que o nosso comum amigo Antero Nobre nos colocou lado a lado, num salutar confronto de ideias, sobre o valor e a importância da cultura algarvia no contexto nacional, que eu – na minha jovem irreverência – entendia de proverbial ancestralidade e, por isso, de incontornável proeminência. É claro que o Fonseca Domingos, mais experiente e vivido, conhecedor de outros mundos, de discrepantes realidades e de multifacetados horizontes culturais – habituado a confrontar-se com a desigualdade social vigente no nosso país, com o

ostracismo cultural e a ignomínia política do regime deposto – teve a frontalidade de discordar das minhas opiniões com a delicadeza dum cavalheiro, sem contudo esconder as suas opções e simpatias partidárias, por sinal bem diferentes das minhas. Nessa altura, falou-me das suas convivências culturais, das suas leituras e do apreço que sentia por alguns poetas e escritores que na América Latina haviam lutado contra regimes opressores de inspiração fascista. Recordo-me até de termos falado da “Rota das Ratazanas”, ou seja, da emigração dos nazis alemães para a Argentina, assunto até então pouco divulgado e quase tabu, permanecendo em segredo até aos anos oitenta. Chegou mesmo a confidenciar-me que alguém teria conhecido um pintor alemão, que vivia de forma muito discreta e reservada nas margens de um pequeno lago da Patagónia, na Argentina, o qual se suspeitava fosse o próprio Adolfo Hitler. Esse controverso, mas proficiente diálogo, decorreu num daqueles convívios que esporadicamente ocorriam entre os colaboradores da imprensa regional algarvia.

O saudoso Antero Nobre convidou-me depois para aderir à AIRA – Associação da Imprensa Regionalista Algarvia, convencendo-me em seguida para fazer parte de uma lista em que fomos eleitos para os corpos directivos daquela agremiação cultural. Só não me recordo se o Fonseca Domingos estava nessa lista. Já não tenho dúvidas

Fonseca Domingos, um progressista poeta do povo

de, nos finais da década de oitenta, com ele partilhar um cargo directivo na AIRA, então presidida pelo também já falecido jornalista João do Carmo Lopes Martins, então director do semanário «O Algarve».

Voltamos depois a unir esforços, como associados e creio também que como dirigentes, na ASORGAL, uma associação parecida à AIRA, mas instituída para dar voz aos colaboradores da imprensa, que no Algarve desenvolviam, de forma graciosa, a sublime actividade de informar e sobretudo de opinar, sem com isso granjearem o seu sustento ou satisfazerem os seus velados interesses pessoais.

Mas foi nas reuniões tertulianas, às quartas-feiras no café «Hélice», sob a égide do eng.º Tito Olívio que mais e melhor conheci a obra e a personalidade humana do poeta Fonseca Domingos. Naquele grupo pontificavam outros camaradas das Belas Letras, infelizmente já desaparecidos como o Vivaldo Beldade ou a Quina Faleiro, que com ele disputavam os lugares cimeiros nos concursos literários. Também a seu lado ombreavam o Manuel Cardoso, a Maria Romana, o Diamantino Barriga, a Célia Roque, a Manuela Odete, o Ferradeira de Brito, a Manuela Saraiva, a Glória Marreiros e ultimamente o Telmoro, que estão hoje todos aqui presentes, nesta cerimónia de homenagem, para declamarem os seus poemas como quem cumpre uma romagem de saudade ao mausoléu da sua obra literária.



Os poetas Vivaldo Beldade e Fonseca Domingos, numa visita de estudo da AJEA ao Promontório de Sagres, 1999

Se estivesse fisicamente entre nós – porque em espírito ocupa agora todo o nosso pensamento – não consentiria esta homenagem, porque a tanto não permitia a sua humildade, nem a sua natural modéstia. O Fonseca Domingos era um homem simples, de proverbial abnegação que renunciava a todas as formas de notoriedade. Quem com ele privou, depressa se apercebeu da sua generosidade ao querer ajudar os amigos tertulianos no “acerto” métrico de um soneto ou na correcção rítmica de um poema. Tinha apesar de tudo um feitio introvertido, próprio dos homens que se apagam para deixarem brilhar os outros, que por vontade de protagonismo ou carência psicológica necessitavam do efémero timbre da vã glória.

No convívio da Tertúlia Hélice, que se reunia todas as quartas-feiras, a sua voz fazia-se ouvir com relativa parcimónia, porque a tanto não lho permitia a sua

Fonseca Domingos, um progressista poeta do povo

intrínseca timidez. Contudo, sempre que opinava fazia-o de forma sentenciosa, justa e afável, temperando a crítica mais severa com uma pitada de bom humor, como que a pedir perdão pela sua rigorosa austeridade.



Fonseca Domingos, em amena cavaqueira com Vivaldo Beldade, no auditório Livraria Odisseia, em Faro, 2001

Desse convívio ficaram-me gravadas as suas preocupações de poupança, criticando implacavelmente o consumismo desenfreado da nossa juventude, vítima preferencial do marketing cuja criatividade artística difundida nos média, exorta ao despesismo e ao endividamento das famílias. O Fonseca Domingos era muito poupado e rigoroso nos gastos. Porém, não poupava no tabaco porque não passava sem fumar, o seu acostumado SG Gigante, de que extraía compassadas nuvens azuis de prazer. Sei avaliar o deleite dessas voluptuosas golfadas de fumo, que em noites de febril criatividade parecem acender-nos as caldeiras

do génio e impulsionar a pena para as incontrolláveis torrentes da escrita. Sei o quanto isso nos domina, porque também já fui um inveterado fumador. Foi desse maldito vício, de que o bom do Fonseca Domingues não abdicava, como que submetido a uma incontrollável sujeição, que julgo ter-se desencadeado a principal causa da sua morte.

Como entretenimento, à mesa do café, costumava desenhar coisas diversas, na sua maioria quase indecifráveis figuras geométricas ou embricadas cornucópias, esboçando caricaturas dos amigos, de escritores e políticos, ou delineando umas figuras algo futuristas e quase indecifráveis, que só ele interpretava. Tinha uma inata habilidade para as artes, tendência aliás muito peculiar nos homens da poesia. Lembro-me, por exemplo, do



Fonseca Domingos, na apresentação do livro «Mudar é preciso» de Tito Olívio

poeta Ramos Rosa que a todo o instante, quase obsessivamente, desenha rostos e perfis femininos, como uma espécie de terapia do génio, uma forma de relax para acalmar o seu impertinente nervosismo, no fundo a neurastenia da genialidade.

Fonseca Domingos, um progressista poeta do povo

Uma das suas facetas menos conhecidas era a sua propensão para moldar em barro curiosas figuras de pessoas e animais, verdadeiras esculturas em terracota, espécimes de uma arte menor, é certo, mas que evidenciavam uma rara inspiração artística. Não sei se as produziu em suficiente abundância para fazer uma exposição de arte. Apenas sei que eram muito curiosas e propositadamente desproporcionadas, denotando um apurado sentido crítico, humorístico e caricatural, não sendo hoje raros os ateliers de arte que fazem bonecos semelhantes. Essa sua propensão artística para a sátira humorística, quer na poesia quer nos seus bonecos de barro, foram uma das mais elevadas expressões do talento que sobressaíam em larga abundância na personalidade intelectual de Fonseca Domingos.



Fonseca Domingos e esposa na aldeia de Alcarias, indicando um poema popular

Para os que não o conheceram pessoalmente, nem acompanharam o seu trajecto de vida, devo acrescentar que era um homem muito culto, um autodidacta que adquirira pelos seus próprios meios uma invejável ilustração, lendo de tudo e em tudo vendo uma oportunidade para aprender e de intuir uma conduta ética, que usou no seu quotidiano profissional e na construção da sua obra literária.

Em literatura portuguesa e europeia, era raro o autor que não conhecesse, e na poesia era sabedor das principais correntes e técnicas usadas na composição lírica. Não raras vezes se punha a recitar Camões, Bocage ou Florbela, e em castelhano declamava com sentida expressão os versos de António Machado ou de Pablo Neruda. Por vezes glosava os versos dos nossos clássicos, dando-lhes geralmente uma apurada condimentação satírica. Creio que essa veia sarcástica desenvolveu-a na leitura de Bocage, cujos sonetos recitava com extasiado arrebatamento, elevando-os aos píncaros da perfeição, numa apoteose divina de quem se persigna no tempo de Elmano Sadino. No endeusamento do seu ídolo poético, chegou a usar o pseudónimo de Elmano Sulino, quando a sátira dos seus versos se inspirava no mordaz sardonismo de Bocage.

Fonseca Domingos, um progressista poeta do povo

Possuía uma memória prodigiosa, na qual gravava, desde os primórdios da rádio nacional, alguns poemas que conhecia de cor ou, pelo menos, alguns versos desgarrados dos nossos principais vates. Também o teatro clássico e a ópera lírica lhe impressionaram sobremaneira o génio criativo. Sabia o nome das principais óperas e dos seus autores sinfónicos; amava Mozart, Verdi, Pushini, Tchaikovsky e tantos outros; enaltecia os dramaturgos clássicos, nomeadamente Cervantes sabendo até de cor algumas passagens mais burlescas do Quixote, e conhecia as peças principais do teatro shakespeariano. Outra das suas paixões era a zarzuela espanhola, o flamenco andaluz e a música latino-americana, com as suas danças sensuais, nomeadamente a salsa e a rumba, sendo inclusivamente um grande apreciador da cultura cubana.

Não querendo abusar da paciência dos nossos amigos aqui presentes, passamos em seguida um breve esboço biográfico do saudoso José Maria Fonseca Domingos. Para esse efeito socorro-me agora da sinopse biobibliográfica que escrevi para o *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, vol. VI, p. 380:

José Maria Fonseca Domingues, nasceu em São João da Venda, freguesia de Almancil, concelho de Loulé, a 10-2-1936, e faleceu na sua cidade de Faro a 9 de Janeiro de 2003.

Estudou em Faro e frequentou o Liceu João de Deus até ao 3.º Ciclo. Com apenas dezoito anos de idade emigrou para a Venezuela, onde viveu uma experiência única de aculturação de ideias e de práticas vivenciais, que influenciaram o seu pensamento e lhe moldaram o estro poético, que já então manifestava os seus primeiros vagidos de genialidade. Na pátria de Simão Bolívar familiarizou-se com a cultura latino-americana, tornando-se um indefectível admirador da obra literária de Ruben Dário, de Alfonsina Storni e sobretudo da poesia Pablo Neruda, que o marcou política e espiritualmente. Em 1963 retornou à Europa, fixando-se em França, de onde regressaria anos depois à pátria. Seguiu a carreira administrativa trabalhando no sector privado e público, empregando-se por fim na Administração Regional de Saúde em Faro, ao serviço da qual se aposentaria.



Fonseca Domingos, atrás do grupo junto à estátua do rei D. Afonso Henriques, numa visita de Estudo da AJEA a Ourique

Fonseca Domingos, um progressista poeta do povo

Dotado de grandes capacidades para a escrita, começou a colaborar nos jornais em 1966, no semanário farenses *Folha do Domingo*, passando depois pelas colunas de *O Algarve*, *Notícias de Almancil*, *Sambrasense*, *Notícias de Loulé*, *Correio Meridional*, *Notícias de São Brás*, *O Olhanense*, etc. Mercê das suas qualidades intelectuais, como poeta e prosador, fez-se membro de pleno direito das associações locais de



Num moinho na serra de Ourique, junto de Domingos Terramoto e Rosélia Martins

jornalistas e escritores, nomeadamente da AIRA, da ASORGAL e da AJEA. Por outro lado, importa dizer que foi um dos três fundadores da «Tertúlia da Hélice», criada em Maio de 1997, juntamente com Tito Olívio e Diamantino Barriga.

Para aferir as suas qualidades poéticas surgiu-lhe a ideia de concorrer regularmente a certames literários, tendo sido, desde 1987, inúmeras vezes distinguido, tanto em Portugal como no Brasil. O seu carácter justo e interventivo, nos aspectos sociais e políticos, têm sido apanágio dos seus escritos literários. Como poeta era exímio na quadra, mas foi no soneto que ergueu o melhor da sua obra, sendo certo que embora cultivando a poesia clássica nunca foi um arcádico nem, *stricto sensu*, um lírico.

Depois de comprovado o seu talento poético, bivaqueou na prosa, escrevendo alguns contos de belo efeito humanístico e de grande pujança literária, que devido às suas origens e afinidades culturais se desenrolam no meio rural, tendo inclusivamente extractado das suas memórias de infância os personagens que retratou com exímio realismo, em pungentes descrições de sofrimento e exploração humana, quiçá inspiradas em Alves Redol, em Soeiro Pereira Gomes ou em Manuel da Fonseca. O seu estilo literário oscila entre o neo-realismo e o pós-modernismo, inspirados na denúncia da exploração humana, nos conflitos sociais das classes produtivas, no dilema entre a verdade e o interesse, a cobiça e a inveja.

Em todo o caso, foi como poeta, que mais se distinguiu e melhor se revelou o seu talento, certamente devido ao facto de todos os seus livros dados à estampa serem de poesia. Colaborou também em diversas Antologias de poesia, sendo público que tinha em preparação uma colectânea de contos prestes a entrar no prelo, o que infelizmente

Fonseca Domingos, um progressista poeta do povo

nunca aconteceu. Mesmo assim editou seis livros de sonetos e de poesia livre, incluindo poemas satíricos e burlescos, de rara inspiração humorística.

Da sua lista de obras constam os seguintes títulos: *Um Violino na Ramada* (Sonetos), 1992; *Arranhadelas* (Gazetilhas satíricas e burlescas), 1994; *Asas ao Vento* (Poemas); 1995; *Veredas* (Sonetos), 1996; *Sem Sol* (Poemas); 1997; *Para Além do Bojador* (Poemas), 1999.

Deste último livro, que no meu entender, é o melhor de toda a sua obra, extraímos, para terminar, um breve trecho do prefácio que, a seu pedido, para o mesmo escrevi, como que a selar uma amizade e uma profunda admiração intelectual. Passo a citar:

«Cremos que, no caso presente, o autor e a obra são fruto de um misto de capacidades inatas caldeadas com a persistente procura da correcção da forma. É natural que assim seja, quando se cultiva com afincos a difícil arte do soneto. José Maria Fonseca Domingues, não é um poeta qualquer e muito menos um poeta desconhecido. Tem obra feita e em letra de forma. Fez-se respeitar e conhecer através dos Jogos Florais, em que assiduamente participa. Possui nesses certames muitas dezenas de prémios, cuja glória têm a duração das "rosas de Malherbe".

Esta obra é uma compilação dos inúmeros sonetos que Fonseca Domingos tem vindo a produzir ao longo dos últimos anos. Alguns são puros e inocentes, lânguido e deleitosos, como se brotassem da nascente de Epicuro. Outros são rigorosos e majestáticos, como quem traça a palavra com a régua e o esquadro. Uns são humorados, mas outros são profundamente tristes, quase fatalistas, denunciadores da postergação dos princípios éticos e dos valores humanistas. Há de tudo. Sonetos de esperança e de desalento, de amizade e de traição. Uns bons outros menos conseguidos. Paixões e desamores, em suma a vida retratada em verso. Um pélogo de palavras, sentimentos e conceitos, numa vasta sucessão de ritmos e rimas.

Um livro para meditar, numa lenta exegese de realidades e fantasias, que nos faz pensar enquanto nos distrai e deleita. O enlear das metáforas transmuta o "eu" poético do autor no universo que somos todos nós. Um espelho de imagens, umas belas e perfeitas, outras medonhas e injustas, em que nos reflectimos todos é, em suma, o que nos oferece este livro.»